

Sergio Sklar

PSICANÁLISE
PEDAGÓGICA

“Pädanalyse”

em Freud:

as energias e o funcionamento mental



A psicanálise pedagógica **“Pädanalyse”**

em Freud:

as energias e o funcionamento mental

Sergio Sklar

A psicanálise pedagógica **“Pädanalyse”**

em Freud:

as energias e o funcionamento mental



Rio de Janeiro
2014



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

A psicanálise pedagógica

“Pädanalyse” em Freud:

as energias e o funcionamento mental

Copyright © 2014, *Sergio Sklar*

Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110

Centro – Rio de Janeiro - 20060-030

Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Celimar de Oliveira

Revisão em alemão:

Jutta Barbara Maria Müller

Fotos da capa:

Sigmund Freud e Oskar Pfister

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S575p

Sklar, Sergio

A psicanálise pedagógica - “Pädanalyse” em Freud: as energias e o funcionamento mental / Sergio Sklar - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2014.

93p. il.; 21cm

inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-8225-055-6

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise e educação I. Título

14-17262

CDD: 370.15

CDU: 370.15.3

29.10.14

29.10.14

Sumário

Introdução	7
Primeiro Seminário: Freud, a psicanálise-pedagógica e o funcionamento do aparelho psíquico.....	11
Segundo Seminário: A educação em menores desamparados: Freud e Aichhorn. A educação e a infância na psicanálise	21
Terceiro Seminário: O aparelho psíquico no <i>Projeto</i>	35
Quarto Seminário: O aparelho psíquico na <i>Carta 52</i> e na <i>Interpretação de Sonhos</i>	49
Considerações Finais	67
Anexos: Textos freudianos	71
Referências	101

Introdução

Ao vasculhar a vida de Mahler, buscando respaldo para uma lembrança envolvendo uma das sinfonias do compositor, Theodor Reik assinala como os recuos tornam-se necessários para a melhoria de saltos sob o seguinte provérbio francês: *reculer pour mieux sauter!* – “recuar para saltar melhor” (1975, p.47). Ainda que eu não tenha aqui me ocupado da música mahleriana, o *método* de Reik se encaixa perfeitamente no espírito deste livro; em síntese, retrocedi para dar um bom salto.

O recuo, inicialmente.

Retomo, de fato, a aproximação da psicanálise com a educação que estabeleci há algum tempo, reencontrando um artigo que escrevi em 2011, intitulado *Freud, as energias psíquicas e a educação entre a Scylla do deixar fazer e a Charybdis da proibição* (SKLAR, 2011a, p.45-p.55). Um foco de análise se desenhava naquele momento. Redescobrimo eixos na obra freudiana para o campo educacional, indicava ali que lugar deveria ser ocupado pela teoria e prática da educação infantil (primeiro eixo), em seguida, a consideração do educador ao que é perverso e associal no acabamento do caráter infantil por meio da sublimação – desvio dos fins originários das pulsões – (segundo eixo) e, por último, a maior carga de responsabilidade que pesa sobre o educador, se comparada com a do psicanalista, na medida em que o educar psicanalítico ocorre por uma modelagem psíquica conforme características do educando (terceiro eixo). O artigo resgatava o caminho percorrido por Freud para vincular a permissividade com o peso das proibições em torno das figuras mitológicas de dois monstros da antiguidade, *Scylla e Charybdis*, que teriam habitado os dois

lados do estreito de Messina, alertando os navegantes dos perigos de rochas e rodamosinhos¹.

O salto, agora.

Aprofundo, neste momento, a explicação dos três eixos de 2011, para chegar a um fim diferente: estabelecer passos freudianos da psicanálise-pedagógica à estruturação do aparelho psíquico. Por quê? Refletindo sobre o valor da infância para uma educação psicanalítica, Freud admite a precedência de energias (ou impulsos) – e de seus desvios, bases da *sublimação* – para o desencadeamento das funções mentais. E o sublimar exatamente, envolveria, segundo ele, “deslocamentos de libido que são autorizados por nosso aparelho psíquico e que conferem grande flexibilidade ao seu funcionamento” (cf.p.32). Por essa *autorização*, me via diante de um “direcionamento educacional” novo e bem inquietante para mim: os fins da educação passavam a depender de nosso mecanismo mental. *Educar*, em outras palavras, tornava-se uma modalidade do *funcionar psíquico*. O esclarecimento, a abrangência e as implicações dessa ideia justificavam uma investigação mais apurada: foi exatamente o que fiz, concretizando a edição deste livro.

Em acréscimo, lembrando que a palavra seminário provém do latim *seminarius*, e se compõe de *semen* (“semente”) e *arium* (“lugar para que estejam coisas, ou vivam e ali se desenvolvam”), dividi o livro por lugares que possam reproduzir e inspirar desenvolvimentos conceituais – seminários. Assim, no *primeiro seminário*, reapresento os três eixos que me guiaram pelo artigo de 2011, pontuando a abrangência psicanalítico-pedagógica ao

¹ Freud afirma que “a educação tem de buscar seu caminho entre a *Scylla* do deixar fazer e a *Charybdis* da proibição” (1996b, p.160). Assim, se os monstros indicavam os perigos da navegação, a educação deveria, entre os perigos que os homens encontram ao não reconhecerem limites para seus atos e a perda da capacidade de deliberação pela submissão às proibições, achar uma via psicológica em que o ser humano realizasse o máximo com o mínimo de prejuízo pessoal possível.

funcionamento do aparelho psíquico freudiano. Já no *segundo seminário*, sob o prefácio escrito em 1925 por Freud ao livro de August Aichhorn, *Juventude Desamparada*, explico como a proximidade da educação com a infância na obra freudiana leva ao papel de impulsos para as disposições comportamentais em 1933 e, em seguida, a um retrocesso ao ano de 1913 – quando Freud afirma que a educação “deveria evitar, por precaução, soterrar preciosas fontes de energia e limitar-se a impulsionar os processos por meio dos quais são dirigidas tais energias por bons caminhos” (cf.p.15). A análise do conceito de sublimação – que diz respeito, em síntese, a desvios (ou direcionamentos) energético-pulsionais e ao funcionamento mental – completa a segunda etapa do livro. No *terceiro e quarto seminários*, por sua vez, revejo o direcionamento de Freud à educação em torno das referências respectivas de um primeiro modelo do *aparelho* freudiano no *Projeto de uma Psicologia* (1895), seguido da segunda e terceira versões (segundo e terceiro modelos) do aparelho com a *Carta 52* de Freud a Fliess (1896) e o capítulo VII da *Interpretação de sonhos* (1900).

Por último, complementando o acesso ao “método” que assinalo nestas linhas, (re)traduzo, sob versão pessoal, os quatro escritos de Freud que me guiaram pelos eixos de 2011 e por grande parte deste livro: (1) *O interesse da Psicanálise* (1913) (*Das Interesse an der Psychoanalyse*) (1913); (2) *Prefácio a O Método Psicanalítico, uma exposição empírico-científica-sistemática, por Dr. Oskar Pfister, pastor e professor de seminário, em Zurique (Pädagogium, editado pelo Prof. Dr. Oskar Messmer, primeiro livro)* (1913) (*Geleitwort zu Die Psychanalytische Methode, eine Erfahrungswissenschaftlich-systematische Darstellung von Dr. Oskar Pfister, Pfarrer und Seminarlehrer in Zürich (Pädagogium, herausgegeben von Prof. Dr. Oskar Messmer, Band I)*) (1913); (3) *Prefácio à*

Juventude Desamparada, a Psicanálise na Educação para Jovens na Assistência Social, dez palestras para uma primeira introdução (1925) (*Geleitwort zu Verwahrloste Jugend, Die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung, Zehn Vorträge zur ersten Einführung von August Aichhorn*) (1925); (4) *Novas conferências para a introdução à Psicanálise* (1933) (*Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*) (1933).

Primeiro Seminário

Freud, a psicanálise-pedagógica e o funcionamento do aparelho psíquico

Do modo pelo qual a mente funciona ao tempo que leva uma criança para ser formada e desenvolvida, a psicanálise parece se distanciar de seus propósitos iniciais, voltando os olhos para a pedagogia. O aparente esconde o que é real neste caso, arquitetando apenas um jogo de seu criador. Sugestivo desde as suas origens, este desdobramento psicanalítico em um domínio aparentemente estranho ao seu foco de investigação envolve de fato tanto a rediscussão de pontos cruciais da teoria freudiana, quanto a diversificação dos efeitos da psicologia sobre a ação educacional, quando retomamos a obra do teólogo-pedagogo Oskar Pfister (1873-1956), por ter conseguido, conforme admite Freud em algumas passagens de sua obra², despertar o

² Por exemplo, em *Para a história do movimento psicanalítico* (1914) (1991b, p.78-9), Freud afirma: “Os revolucionários descobrimentos da psicanálise sobre a vida anímica da criança, o papel nela desempenhado por impulsos sexuais (Hug-Hellmuth) e os destinos destes elementos da sexualidade, que se tornam inúteis para o domínio da reprodução, atraíram logo a atenção para a pedagogia, incitando a tentativa de direcionar, em primeiro lugar, pontos de vista analíticos sobre este domínio. O mérito de haver iniciado esta aplicação da psicanálise, com verdadeiro entusiasmo, foi do Pastor Pfister aproximando-a de educadores e dos párocos (representantes da Igreja) (O método psicanalítico, 1913. Primeiro livro do *Pädagogium*, de Meumann e Messner)”. Já em *“Psicanálise” e “Teoria da Libido”* (1923) (1987b, p.228-9), ao discutir sobre a expansão do conceito de “complexo de Édipo” em diversas áreas do conhecimento, Freud assinala: “A significação do

A psicanálise pedagógica - “Pädanalyse” em Freud: as energias e o funcionamento mental

interesse de pastores e pedagogos pelo rumo que tomaram as ideias psicanalíticas em torno da pedagogia. Os dois investigadores estabelecem em realidade um longo e instigante intercâmbio que engloba tanto uma intensa troca de perspectivas, divagações, quanto discordâncias, nomeadamente no que diz respeito à questão religiosa³. As inúmeras menções ao interlocutor no trajeto freudiano chamam,

complexo de Édipo começou a crescer de modo gigantesco. Formulou-se a ideia de que a ordem estatal, a moral, o direito e a religião surgiram conjuntamente na época primordial da humanidade, como produtos de reação ao complexo de Édipo. Otto Rank elucidou lucidamente a mitologia e a história da literatura com a utilização de descobrimentos psicanalíticos, e Theodor Reik, igualmente, [lançou viva luz] sobre a história das religiões e os costumes. O pastor Oskar Pfister, de Zurique, despertou o interesse de pastores e pedagogos, levando-os a compreender o valor dos pontos de vista psicanalíticos sobre a pedagogia”.

³ Como Pfister escreve numa carta a Freud do dia 10/09/1926, a teologia se perdia numa vã disputa por princípios (FREUD, PFISTER, 1980, p.110), ao invés de se voltar para o bem-estar psíquico e humano. Para não repetir esse erro, segundo seus próprios termos, ele retomou a teologia encontrando em seguida a pedagogia, buscando uma renovação possível das duas áreas. Percebeu a contribuição que o discurso freudiano poderia trazer a esse respeito. Mesmo dando esse passo, confrontou o posicionamento antirreligioso freudiano defendido em *Futuro de uma Ilusão* (1927) (FREUD, 1991d, p.323-380), quando Freud assinala a predominância de ilusões psicológicas na gênese das representações religiosas, que visariam corrigir os defeitos da civilização, e defender o ser humano contra a força esmagadoramente superior da natureza. Pfister acolhe, ao contrário, um evangelismo livre num manuscrito-resposta intitulado *Ilusão de um Futuro* (PFISTER, 1993, p.557-579). Indicando o que o levou a se distinguir do posicionamento analítico, diz ao criador da psicanálise na carta de 20/02/1928: “A diferença baseia-se principalmente no fato de que o senhor cresceu próximo das formas religiosas patológicas, sendo estas vistas como ‘a religião’; eu tenho a sorte de me permitir voltar para uma forma religiosa livre, a qual parece para o senhor um esvaziamento do cristianismo, enquanto eu a vejo como o central e substancial do evangelismo” (FREUD, PFISTER, 1980, p.131).

Sergio Sklar

em seguida, nossa atenção: incluem de 1909 a 1938 134 manuscritos (100 cartas editadas sem cortes, postais e telegramas), com destaque para um prefácio de Freud ao livro que o amigo escreve em 1913 sobre o método psicanalítico (FREUD, 1991a, p.448-450). Por último, tem início um novo e promissor passo conceitual: legitima-se o anúncio público que faz Pfister em Zurique de uma “psicanálise pedagógica” (*Pädanalyse*) (FREUD, PFISTER, 1980, p.80), quando diz a Freud em 1920:

Até o momento, falei quatro vezes publicamente em diversos lugares sobre a psicanálise, obtendo sempre um grande sucesso aparente. O corpo docente de uma grande parte do cantão de Zurique reuniu-se atrás de mim e exige que os poderes públicos possam dar aos professores a ocasião de se familiarizar com a psicanálise pedagógica (*Pädanalyse*) [...].

Compartilhando da tentativa reiterada de abrir as ideias freudianas ao grande público, como podemos nos *familiarizar com a psicanálise pedagógica*? Conseguimos equacionar esse acesso ou nos perdemos nas inúmeras referências que nos levam de Freud a Pfister? Três grandes frentes freudianas simplificam nosso caminho: inicialmente, o peso da infância no desenvolvimento humano, em seguida, a influência de energias (estímulos, impulsos) na realização das atividades mentais, com destaque para o funcionamento do aparelho psíquico, e, por último, a complementaridade entre a progressão de uma análise e o processo de formação, típico do educador.

A psicanálise pedagógica - “Pädanalyse” em Freud: as energias e o funcionamento mental

A infância nos remete, no discurso freudiano, a 1925 (FREUD, 1991c, p.565-567). August Aichhorn, na época presidente do Instituto Psicanalítico de Viena, acabava de editar um livro sobre a influência educadora em menores desamparados, fruto de sua larga experiência em centros de assistência social. Freud se encarrega de prefaciá-lo, assinalando centralmente como a edição do texto marca o momento em que as características psíquicas da infância passam a sobressair sobre as neuroses, cujo estudo a psicanálise empreendera durante muitos anos; a análise do desenvolvimento psicológico de uma criança ganha finalmente espaço entre as grandes questões levantadas pela psicanálise. Mas a tônica incide a este respeito nas energias pulsionais e tendências que se estampam na criança. É delas que Freud consegue mensurar o valor e a influência de processos psíquicos da infância à maturidade, destacando a atividade pedagógica que tenta proteger a criança de seus erros, no caminho que toma em direção à fase adulta. Daí os méritos que ele encontra em Aichhorn, pelo seu comprometimento com as necessidades psíquicas dos menores abandonados, encontrando um forte apoio teórico em inúmeros conceitos psicanalíticos.

A infância persiste no discurso freudiano: tematizada também em 1933, é ela que vai dar um acabamento às considerações levantadas em relação ao trabalho de Aichhorn, consolidando as bases de uma psicanálise pedagógica.

Freud eleva em muito a amplitude das descobertas de sua filha Anna sobre o mundo infantil, assinalando que seu encaminhamento para a pedagogia seguiu-se à decisão de analisar melhor o que marca o desenvolvimento psíquico dos primeiros cinco anos de vida, período em que a sexualidade lança marcas da infância à fase adulta. Mas a ação

Sergio Sklar

educacional, lembra Freud, não consegue vencer “o poderio de uma constituição insubordinável das pulsões” (1996b, p.161). No ponto de convergência entre a psicanálise e a educação, reabria-se o conflito, para ele inevitável, entre os impulsos humanos e as exigências de adaptação próprias da ordem social. Esboço de uma intransigência freudiana esse respeito, as instituições civilizadas tornavam-se focos de adoecimento psíquico.

A acentuação do papel das energias tornava esta formulação ousada, assinalando que a ação educacional só consegue discriminar os elementos constitucionais na infância em torno da precedência de impulsos que movem as inúmeras tendências humanas comportamentais. Freud arrisca assim a pensar em uma nova frente teórica para a educação: para ser ensinado ou educado, o homem deve aprender a adequar suas ações, reflexões e decisões – ideias que existem sob formas ou qualidades e que revestem a parte abstrata do pensamento – a estados oriundos de pulsões – quantidades de excitação, forças ou impulsos que são capazes de desencadear processos complexos no psiquismo, como a atividade intelectual.

A hipótese era promissora; não trazia, no entanto, novidade alguma. Vinte anos antes, Freud antevia a presença de forças que impulsionam disposições comportamentais no processo educacional, ao vislumbrar em 1913 um interesse pedagógico da psicanálise e afirmar que

nossas melhores virtudes cresceram, sob a forma de reações e sublimações⁴, sobre o terreno das piores

⁴ A sublimação é um processo psicanalítico em que as pulsões são desviadas de seus fins originários para propósitos elevados ou virtuosos.

A psicanálise pedagógica - “Pädanalyse” em Freud: as energias e o funcionamento mental

disposições. A educação deveria evitar, por precaução, soterrar estas preciosas fontes de energia e limitar-se a impulsionar os processos por meio dos quais são dirigidas tais energias por bons caminhos (FREUD, 1996a, p.420).

O alvo, neste momento, é a sublimação e seus efeitos no dia a dia do educador, que será oportunamente esclarecida em nossos próximos seminários. Persiste, no entanto, a valorização das energias de 1913 a 1923; ela é de fato essencial para ser retida por Freud durante vinte anos?

Sim, a nosso ver. Pois a importância dada no discurso freudiano à retenção de energias, forças ou impulsos – quantidades de excitação – para a criação de ideias, formas ou qualidades que constituem a atividade mental, nos obriga a admitir, diante do presságio de *não soterrar preciosas fontes de energia*, que a educação teria uma precedência sensorial. Mas se aproximamos o quantitativo do qualitativo em termos psíquicos, colocaremos em questão o funcionamento mental na psicanálise, pois é do entrelaçamento ou paralelismo entre quantidades e qualidades que Freud consegue explicar a mecânica interna, psíquica e psicológica⁵. E é centralizando nossa atenção num paralelismo desta espécie, sobre o qual nos ocuparemos numa parte dos seminários aqui apresentados, que confrontamos três momentos no discurso freudiano. O primeiro, com o *Projeto de uma Psicologia* (os nove primeiros itens até o

⁵ Psíquico aqui diz respeito à noção grega de *psique* (“alma”) – um receptáculo de formas – ligado, num certo sentido, ao corpo; psicológico, por sua vez, ao que se representa na mente de um sujeito humano – uma leitura humana do mundo pelo homem.

Sergio Sklar

primeiro modelo do funcionamento mental em torno de um aparelho psíquico concebido por Freud em sua teoria) (FREUD, 1991f, p.387-408); o segundo, com *a Carta 52* (06.12.1896), extraída da correspondência de Freud com o otorrinolaringologista Wilhelm Fliess no período de 1887 a 1902 (FREUD, 1962, p.151-152); o terceiro, por último, com o capítulo VII (a parte sobre a “regressão”), da *Interpretação de Sonhos* (1900), referente a um segundo modelo freudiano de estruturação do aparelho psíquico (FREUD, 1987a, p.538-555). Como aprofundaremos mais tarde, esses três momentos, com suas implicações conceituais, nos conduzem a transitar ainda pelo ano de 1913 na teoria freudiana sob o interesse pedagógico da psicanálise, assinalando o papel e os efeitos de energias no psiquismo, abrindo, assim, a segunda frente teórica das três mencionadas no início deste seminário.

O interesse, em questão, é um dos capítulos do texto, *O interesse científico da psicanálise* (1913) (FREUD, 1996a, p.389-420), em que Freud discorre sobre a amplitude de suas descobertas para diversos ramos do conhecimento. Ele considera ali a má utilização dos meios educacionais e as consequências psicológicas negativas que dela se originam, por levar a uma significativa perda do rendimento e gozo psíquicos. Não deixa o otimismo de lado, ao acreditar numa correção deste mau procedimento educacional, caso os pedagogos estivessem atentos à inserção de facetas perversas e associadas no acabamento do caráter infantil através da sublimação. Sob o aval de uma correção desta ordem, ele reexamina os alvos educacionais concentrados na mudança compor-

A psicanálise pedagógica - “Pädanalyse” em Freud: as energias e o funcionamento mental

tamental dos educandos, pois, conforme a clínica lhe mostrava, as disposições comportamentais eram guardadas pela presença de impulsos ou energias. Ponderando sobre essas tendências, ele sugere que o conjunto de energias no psiquismo poderia sustentar uma autêntica barreira profilática, estabelecida no centro da ação pedagógica, contra o desenvolvimento individual das neuroses. De modo conciso, ele vê desde essa época que a educação concentra uma linha de reflexão da psicanálise por meio da qual se confronta o inassimilável – energético, quantitativo – com o assimilável – formal – na psique.

E é em torno desse confronto que chegamos à última das três frentes teóricas apontadas no início deste seminário. Freud acolhe uma maior carga de responsabilidade sobre o educador do que aquela que é atribuída ao analista, pois este último interviria em *formações psíquicas já estabelecidas*, rígidas, encontrando na identidade doentia assumida pelo analisando um limite claro para a eficácia de sua ação, mas simultaneamente um forte recurso para a sua autonomia. Em contrapartida,

o educador trabalha com um material plástico, acessível a qualquer impressão, devendo-se impor o compromisso de não plasmar a jovem vida psíquica de acordo com seus próprios ideais pessoais, mas moldá-la antes às disposições e possibilidades particulares do objeto (FREUD, 1991a, p.450).

18 Mas se há um *trabalho plástico*, logo, formativo, segundo a terceira frente teórica, a responsabilidade do edu-

Sergio Sklar

gador deve abranger tanto o acesso à infância (conforme a primeira frente teórica), quanto o peso que impulsos e energias têm para as disposições comportamentais em termos psicanalíticos, quando pensamos a atividade mental em torno da precedência de um aparelho psíquico (considerando a segunda frente teórica). Essas dimensões, com seus sentidos respectivos, resumiriam as questões e dificuldades enfrentadas pela atividade educacional, pois elas colocam o maior obstáculo conceitual que deve ser ultrapassado para a concepção de uma psicanálise pedagógica: a força insubordinável das pulsões. Predomina assim a ideia de que impulsos perversos e associativos estejam no centro da ação analítico-pedagógica; por meio dessa precedência, Freud dá corpo à exigência feita pelos poderes públicos, como escreveu Pfister em 1920 (cf.p.13), de familiarizar os professores com as ideias analíticas sobre a educação. Mais do que uma aventura ou ficção teórica, essa extensão da psicanálise ganha vida e alma próprias.

A infância se coloca em questão; ganhando importância, o desenvolvimento psicológico da criança à idade adulta capta nossa atenção. De modo definitivo, o rumo da psicanálise ao mundo educacional mostra sua face, sua essência, quando desvendamos a amplitude na psicologia de uma teoria e prática da educação infantil. E é o prefácio escrito por Freud a Aichhorn em 1925 que vai nos dizer muito a esse respeito; retomando as ideias desenvolvidas nesse texto, poderemos começar a nos deslocar pelas três frentes teóricas que projetamos neste seminário.